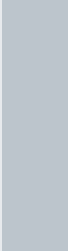


Orientações para entrevistar vítimas de violência sexual



**QUEBRAR
O SILÊNCIO**



 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
SECRETÁRIA DE ESTADO DA
IGUALDADE E MIGRAÇÕES

Orientações para entrevistar vítimas de violência sexual

Entrevistar uma vítima de violência sexual é uma oportunidade de partilhar uma história contada na primeira pessoa e ter um testemunho com o potencial de informar e sensibilizar o público para a gravidade e complexidade da violência sexual.

Durante este processo, é fundamental que a vítima possa partilhar a sua história de um modo seguro e que tenha possibilidade de fazê-lo à sua maneira, com as suas palavras e ao seu tempo.

Neste sentido, solicitar uma entrevista a uma vítima é um processo sensível que requer, por parte da ou do jornalista, um conjunto de cuidados. Por se tratar de uma experiência potencialmente traumática, é importante compreender que pode haver possibilidade de a entrevista ser ativadora ou desencadeadora de desconforto, dor ou mal-estar físico e emocional. Assim, é essencial que em qualquer uma das fases da entrevista se mantenha a sensibilidade, respeito e empatia pela vítima e pela sua história.



Abordar a vítima e realizar o pedido de entrevista

Antes do primeiro contacto aconselhamos que:

- contacte profissionais ou entidades de apoio à vítima de violência sexual para obter orientações e informações que possam ser úteis e facilitadoras do seu trabalho;
- peça apoio a organizações de apoio à vítima para averiguar se há possibilidade de mediar o convite e a própria entrevista, para poder, assim, salvaguardar os interesses, a segurança e o bem-estar da vítima;
- considere convidar apenas vítimas que já tenham tido apoio psicológico e tenham ultrapassado o impacto do abuso na vida delas, em vez de convidar vítimas cujo abuso tenha acontecido recentemente, que não tenham tido qualquer tipo de apoio psicológico ou a quem a entrevista possa ser desencadeadora de mal-estar.

Primeiro contacto com a vítima

O primeiro contacto com uma pessoa que foi vítima de violência sexual é de extrema importância, não só pelo impacto que o convite pode ter na vítima, como também pelo facto de influenciar a disponibilidade e decisão para colaborar.

Tenha presente que este contacto pode ser desencadeador e ativador do evento traumático vivido, o que pode aumentar, por exemplo, os níveis de ansiedade e de hipervigilância (estado de alerta), entre outra sintomatologia. Neste sentido, é fundamental dar à vítima a segurança necessária e o controlo sobre o processo.

Num primeiro contacto é importante:

- Apresentar-se enquanto jornalista e indicar onde trabalha;
- Referir qual o objetivo do contacto. Por exemplo, pode indicar que vai fazer uma reportagem sobre violência sexual e gostaria de contar com o testemunho de pessoas que tenham passado por esse tipo de abuso;
- Estabeleça uma ligação de confiança e demonstre empatia;
- Partilhe o seu contacto para o caso de a vítima preferir falar mais tarde ou se desejar retomar o contacto noutra ocasião;
- Caso combine uma primeira conversa antes da entrevista, não se faça acompanhar por todo o equipamento habitualmente utilizado (câmaras, gravadores áudio, etc.). Ou seja, agende uma conversa na qual poderá responder e esclarecer as várias questões e dúvidas que a vítima possa ter.

Abordar a vítima e realizar o pedido de entrevista

Relativamente ao convite para ser entrevistada

- Faça o pedido de entrevista com a maior antecedência possível, para dar espaço e tempo à vítima para refletir e, em caso afirmativo, preparar-se para a entrevista;
- Não sugira que será bom para a vítima contar a sua história pois «irá trazer alívio» ou porque «vai ajudar outras vítimas». Não se pode garantir nunca que a entrevista trará qualquer forma de alívio (mesmo que o possa trazer), nem deve colocar na vítima o peso da responsabilidade de ajudar outras vítimas. Esta abordagem é uma forma de coação que, no caso da vítima não querer realizar a entrevista, pode gerar sentimentos de culpa;
- Não adopte uma abordagem insistente e invasiva através de contactos sucessivos, uma vez que pode desencadear memórias e sentimentos negativos associados ao abuso. Se a vítima não responder, não insista. O silêncio da vítima é demonstrativo da sua disponibilidade, sendo que é importante respeitá-lo;
- Explique se o testemunho será ou não na primeira pessoa e qual o enquadramento do mesmo. Por exemplo se será integrado num artigo maior;
- Esclareça se haverá outras pessoas que também serão entrevistadas e quem são (Ex: outras vítimas, profissionais ou mesmo abusadores);
- Indique qual o formato da entrevista (em direto, gravação áudio, filmagens, fotografia, etc.), entre outros, onde será publicada (imprensa, digital, rádio, etc) e quando está prevista a sua publicação;
- Explique qual o processo e outras questões de logística. Por exemplo, qual é a sua proposta para um local e a duração estimada da entrevista;
- Não assuma uma resposta positiva da vítima. Mesmo que anteriormente tenha realizado outras entrevistas, a vítima pode negar futuros convites. Estas experiências podem ser emocionalmente exaustivas. É essencial respeitar o direito da vítima em negar a colaboração com determinados jornalistas ou entidades.

Abordar a vítima e realizar o pedido de entrevista

Se a vítima declinar o pedido de entrevista

- Não insista. Aceite a resposta e agradeça a disponibilidade da vítima em ter considerado o convite;
- Tenha presente que a vítima tem o direito de não autorizar uma entrevista sem se sentir culpada por isso. A segurança das outras vítimas e o cumprimento da justiça não são da responsabilidade da vítima;
- Refira à vítima que a notícia ou reportagem será publicada, mesmo que ela tenha decidido não colaborar;
- O facto de a vítima não aceitar um pedido de entrevista num determinado momento não significa que não possa mudar de ideias ou sentir-se preparada no futuro. Neste sentido, pode ser útil partilhar a sua disponibilidade para ser contactado mais tarde caso a vítima se sinta disponível;
- Como alternativa, pode perguntar se a vítima se sente mais confortável em nomear alguém que possa ser o porta-voz e falar em seu nome, como por exemplo, um familiar, amigo, advogado ou outra pessoa.



Entrevistar uma vítima de violência sexual

Bem-estar da vítima e da própria equipa

Tenha em mente que todo o processo para a entrevista poderá ser desencadeador de mal-estar, desconforto e dor na vítima. Procure saber como ela se sente e garantir o seu bem-estar nas diferentes fases.

Tenha presente que poderá haver vítimas de violência sexual na equipa e redação, tenham elas ou não consciência do trauma ou traumas vividos. Converse diretamente com a equipa envolvida para garantir o bem-estar de todos os intervenientes. Partilhe os contactos de organizações de apoio à vítima para o caso de haver elementos que sintam que o processo seja ativador de memórias de um abuso.

Preparação da entrevista

É importante explicar e partilhar os detalhes mais importantes com a vítima, nomeadamente onde a entrevista será realizada, se ela se sente confortável com a opção, e o que pode acontecer antes, durante e depois da entrevista. Lembre-se de pedir a opinião da vítima relativamente às decisões tomadas; é importante que ela sinta que tem controlo sobre o processo.

Data e localização

- Envolver a vítima no processo de decisão, perguntando, por exemplo, qual a data ou local que prefere;
- Dê oportunidade à vítima de ir acompanhada por alguém da sua confiança se assim o desejar;
- Garanta que o local escolhido tem a privacidade e conforto necessários, uma vez que o tema abordado é extremamente pessoal e sensível;
- Tenha atenção às características do espaço para que não seja sombrio, escuro, frio ou transmita uma sensação de secretismo e tabu;
- Dê orientações sobre o que esperar quando chegar ao local combinado, nomeadamente quem irá encontrar e a quem se dirigir. Se possível, receba a vítima nas instalações combinadas. Caso contrário, e se necessário, reforce que não é preciso identificar-se, bastando indicar com quem tem o compromisso agendado;
- Indique quem irá fazer a entrevista e quem estará presente no decorrer da mesma, bem como a respetiva função que desempenham;
- Tenha à disposição lenços de papel e água.

Entrevistar uma vítima de violência sexual

Tópicos, questões e conteúdos

- Estabeleça com a vítima quais as questões e tópicos que gostaria de explorar e contextualize o motivo do seu interesse. Ex: «Gostaria de lhe perguntar qual o impacto que o abuso teve na sua vida. Esta questão é importante para que as pessoas compreendam que a violência sexual tem consequências a diversos níveis»;
- Certifique-se quais são as perguntas ou temas que a vítima não quer ou não se sente confortável em abordar. Garanta que não há perguntas surpresa ou inesperadas que possam provocar desconforto;
- Reforce que a vítima tem o direito de não responder às questões que considerar invasivas ou inapropriadas, e que o nível de detalhe das respostas será sempre decisão dela;
- Explique à vítima que o que ela partilhar na entrevista poderá ser incluído na íntegra. Se em algum momento ela não quiser que determinada informação seja integrada, informe-a de que tem o direito de pedir a interrupção da gravação ou filmagem.

Outras orientações

- **Identificação.** Pergunte à vítima se deseja ser identificada pelo nome próprio, ou se prefere manter o anonimato e proteger a identidade (através da distorção de voz e imagem). Pergunte como prefere ser tratada (vítima, sobrevivente ou outro);
- **Segurança e bem-estar.** Reserve alguns minutos antes da entrevista para receber e preparar a vítima, e apresentar-lhe os elementos presentes. Guarde um tempo no final para agradecer pela participação e para garantir que ela está bem. Caso a vítima fique ativada, disponibilize o tempo que ela necessitar para se recompor. Tenha presente os contactos de organizações que prestem apoio à vítima;
- **Anonimato e edição.** Dependendo do formato da entrevista, clarificar previamente se é necessária alteração de voz ou efeitos de desfoque facial. No momento da edição, procure a aprovação da vítima relativamente à distorção da voz e face;
- **Autorização.** Caso a entrevista seja gravada ou filmada, informar que será sempre pedida previamente a sua autorização;
- **Divulgação.** Partilhar quando e onde a entrevista será publicada ou transmitida. Mantenha a vítima informada caso surja alguma alteração;
- **Apoio.** Tenha os contactos de linhas de apoio e organizações especializadas no apoio a vítimas de violência sexual caso seja necessário.

Entrevistar uma vítima de violência sexual

Durante a entrevista

No decorrer da entrevista, recomenda-se que o jornalista ou a jornalista se mantenha consciente de que, independentemente do número de entrevistas que tenha realizado com vítimas de violência sexual, cada pessoa é diferente e pode reagir de um modo particular às questões colocadas. É importante reconhecer que embora a vítima tenha consentido a realização da entrevista, pode não ser capaz de prever ou antecipar o modo como se irá sentir ou lidar com a mesma.

Ao longo da entrevista a vítima pode debater-se com memórias intensas, pensamentos intrusivos ou emoções negativas, pelo que é importante estar alerta e procurar minimizar qualquer situação que possa ser geradora de desconforto.

Neste sentido, enumeram-se em seguida algumas recomendações a ter em conta no decorrer da entrevista:

- Salvaguarde o conforto da vítima para que se sinta segura (ex: permitir-lhe escolher o lugar onde se prefere sentar, uma vez que, poderá não se sentir confortável ou em segurança se estiver de costas para uma porta, distante da saída ou em ter pessoas atrás dela);
- Não parta de pressupostos acerca do que a vítima está a sentir ou do modo como está a lidar com o que aconteceu (ex. não partir do princípio de que a vítima já deveria ter ultrapassado o que aconteceu porque o crime ocorreu há muitos anos ou que é fácil falar sobre o assunto pois já o fez inúmeras vezes);
- Não toque na vítima sem lhe pedir consentimento para o fazer. Se for necessário colocar um microfone, recomenda-se que o pedido para fazê-lo seja claro para evitar comportamentos invasivos, inesperados ou potencialmente ativadores do trauma;
- Não pôr em causa ou duvidar das partilhas feitas pela vítima (ex. insinuar que a vítima pode estar confusa);
- Dar espaço à vítima para manifestar as suas emoções de forma natural, não utilizando questões sensíveis e difíceis como meio de provocar intencionalmente reações emocionais. Quando a entrevista é filmada, sugere-se que não sejam feitos planos aproximados do rosto da vítima quando a mesma se encontra mais vulnerável (ex. a chorar);
- Se possível, não realize a entrevista em direto, dando assim oportunidade, se necessário, para a edição de conteúdos.

Entrevistar uma vítima de violência sexual

Questões a colocar

Tenha em mente que, perante um evento traumático, é comum que a vítima possa ter um bloqueio que pode levar a uma memória fragmentada, confusa ou até inacessível do que aconteceu. Deste modo, é natural que as informações partilhadas possam parecer desorganizadas, pouco coerentes ou até contraditórias. A vítima pode também manifestar dificuldades em se concentrar ou, em algumas situações, sofrer de ataques de pânico desencadeados pela natureza da entrevista.



Neste sentido:

- Inicie a entrevista com questões mais fáceis e ligeiras que ajudem a gerir e diminuir a ansiedade e desconforto que possam existir (ex: “Pode falar-me um pouco sobre si, sobre o que gosta de fazer?”);
- Faça questões abertas e sem juízos de valor;
- Procure evitar questões sugestionáveis que induzam a vítima a partilhar informação não desejada ou demasiado invasiva;
- Evite perguntas que implicam culpa ou responsabilidade da vítima, nomeadamente questões como: “Porque estava sozinha naquele lugar?”, “Porque não tentou fugir?”, “Porque demorou tanto tempo a pedir ajuda?”. É comum a vítima apresentar sentimentos de culpa ou partilhar expressões de remorso face ao que aconteceu (ex: “Eu devia ter tentado resistir/fugir”). No entanto, tais sentimentos não devem ser reforçados, pois independentemente do modo como reagiu, a culpa nunca é da vítima, é sempre do abusador;
- Não assuma o que a vítima está a sentir e não recorra a expressões como “Sei exatamente como se sente” ou “Compreendo perfeitamente o que está a passar”. Em alternativa pode dizer algo como: “Acredito que esteja a ser muito difícil para si” ou “Imagino que tenha sido muito difícil” respeitando a sua história.

Entrevistar uma vítima de violência sexual

Comunicação não verbal

Mantenha-se consciente de que a sua reação às partilhas da vítima pode influenciar o modo como esta se sente e o seguimento da conversa. Preste atenção às suas expressões faciais, particularmente aquelas que possam transmitir juízos de valor, choque, culpabilização, repulsa ou descredibilização da vítima.

A linguagem corporal não deve ser descurada. É importante evitar uma postura rígida e tensa que transmita desconforto, ansiedade ou desconfiança. Relativamente à distância física, recomenda-se que respeite o espaço pessoal da vítima. Também o tom de voz utilizado tem um papel significativo, contribuindo para manter uma comunicação serena, empática e segura, sem recorrer a exageros que possam tornar-se condescendentes, dramáticos ou pouco genuínos.

Terminar a entrevista

Falar acerca de um acontecimento traumático pode ser extremamente intenso e exigente, podendo fazer com que a vítima se sinta exposta e vulnerável emocionalmente.

Não termine abruptamente a entrevista. Interromper alguém que fala sobre um evento traumático e partilha a sua história de abuso pode ser doloroso.

De modo a minimizar ou evitar qualquer impacto negativo que possa advir da realização da entrevista, recomenda-se que determinados aspectos não sejam esquecidos:

- Termine a entrevista focando-se no “aqui e agora”, reforçando um sentimento de segurança e uma mensagem de superação;
- Reserve alguns minutos para conversar com a vítima sobre como correu a entrevista. Pergunte qual a opinião dela e agradeça novamente pelo facto de ter partilhado a sua história;
- Pergunte se deseja acrescentar ou retirar alguma informação com a qual não se sinta confortável;
- Indique novamente onde e quando se prevê a publicação da notícia e (se possível) referir quando a vítima poderá ler/ver a entrevista antes da sua publicação;
- Reforce uma vez mais a sua disponibilidade para ser contactado antes e após a publicação da entrevista, caso a vítima sinta necessidade;
- Certifique-se de que a vítima tem os contactos de associações especializadas no apoio a vítimas de violência sexual, reforçando que as mesmas estão disponíveis caso necessite de ajuda.

Entrevistar uma vítima de violência sexual

Após a entrevista

Caso seja possível recomenda-se que a entrevista final possa ser partilhada com a vítima antes da sua publicação, de modo a que esta possa:

- Ajustar as expectativas do que esperar, reduzir o impacto da exposição pública e potenciar uma sensação de controlo;
- Ter oportunidade de detectar a presença de informação potencialmente invasiva, erros factuais ou detalhes desnecessários que possam promover a estigmatização;
- Verificar, no caso de ter optado pelo anonimato, se existe alguma informação como profissão, local de residência ou especificidades do crime que possam comprometer a proteção da sua identidade;
- Compreender se a distorção de imagem ou som protege a sua identidade, no caso de haver registo fotográfico ou vídeo.



Após a publicação da entrevista

A forma como a vítima vai lidar com a publicação da sua entrevista depende de pessoa para pessoa. No entanto, podem surgir reações de satisfação ou arrependimento. A publicação pode ter impacto na família, pessoas amigas, no trabalho ou noutros contextos (como por exemplo, uma exposição viral nas redes sociais que era completamente imprevista) e que pode provocar consequências imprevistas e complicadas de gerir.

Assim, tenha em mente fazer um contacto com a vítima, no sentido de compreender como se sente face à publicação da entrevista e reforce, uma vez mais, os serviços de apoio disponíveis.